



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço com o Presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono**

**Palácio Itamaraty, 18 de novembro de 2008**

**Presidente:** Vamos ver qual é a pergunta importante.

**Jornalista:** É a Nossa Caixa.

**Jornalista:** Presidente, a gente quer saber sobre as negociações do Banco do Brasil e a Nossa Caixa.

**Presidente:** Deixe-me ver: negociação entre o Banco do Brasil e a Nossa Caixa, Seleção Brasileira, PMDB, G-20... Vamos fazer uma pauta primeiro. Visita da Indonésia...

**Jornalista:** Presidente, o convite do Ban Ki-moon.

**Presidente:** O convite do Ban Ki-moon... Vamos primeiro começar pela alegria de ter recebido aqui o Presidente da Indonésia, logo depois de termos participado juntos, em Washington, do G-20. Todos vocês sabem que a Indonésia é um país importante, tem 200 milhões de habitantes, tem uma afinidade de procedimentos com o Brasil, seja na ONU, seja no G-20. Tem sido um parceiro. E nós, que temos uma balança comercial que este ano chegará a US\$ 2 bilhões e 300 milhões, queremos que cresça muito mais porque são dois países gigantescos, com muita população e, portanto, com um potencial de comércio muito maior.

Assinamos um acordo estratégico, fizemos um acordo na área de



biocombustíveis, fizemos um acordo com a Embrapa. E estabelecemos que os nossos ministros vão se ver, a partir do ministro Celso Amorim, vamos ter pelo menos uma reunião por ano com cada ministro dele, para a gente ir descobrindo as oportunidades que tem, de negócios, entre Brasil e Indonésia. Resolvida a Indonésia, vamos falar do G-20 agora.

Eu não tive tempo de falar com vocês, por causa da correria em Washington. Mas vocês são muito jovens, vão viver muitos anos e vão perceber que aquela reunião do G-20, realizada em Washington, é uma mudança no paradigma das relações multilaterais até então estabelecidas. Antes tinha um conjunto de países considerados ricos que determinava a lógica da política internacional a partir da política econômica e da política comercial.

A partir da crise financeira, eu tive a oportunidade de dizer, no jantar com todos os presidentes e primeiros-ministros, que não só a regulação do sistema financeiro é importante, mas sobretudo é importante que haja uma determinação, uma regulação que obrigue o sistema financeiro a investir os recursos no setor produtivo, porque cada centavo criado no mundo tem que gerar um produto, e esse produto gera um emprego, que gera uma renda, que gera melhoria. Eu até contei um caso meu. Eu disse para eles que quando eu trabalhava na fábrica, se eu quisesse comprar uma televisão e meu salário não permitisse, eu tinha que fazer hora extra para poder comprar a televisão. Como é que pode alguém ficar bilionário sem produzir um prego? Então, o sistema financeiro tem que mudar por isso.

Mas também o mais importante, os olhares de todos os presidentes em função do funcionamento do Banco Mundial, do FMI. Essas instituições foram criadas muito mais para determinar as regras do jogo dos países ricos para os países pobres. E eu fiz questão de lembrar que desta vez a crise não é nos países emergentes, a crise não está nos países pobres, a crise está exatamente nos países ricos, ou seja, a crise está no G-8.

Então, se eles quiserem ajudar – e há muita disposição para isso – os



países pobres, não precisam gastar muito dinheiro, é só recuperar as suas economias. Na hora em que as economias desses países voltarem a produzir, voltarem a exportar e a importar, vai resolver o problema do Brasil, da América Latina, vai resolver o problema da África, vai resolver o problema dos Estados Unidos, da China. O que nós precisamos é que as economias ricas recuperem a confiança, voltem a produzir, que estabeleçam um controle de fiscalização no seu sistema financeiro, que não tem nenhum controle, porque senão não teria acontecido o *subprime*.

Eu confesso para vocês que foi, nesses seis anos de Presidência, talvez a reunião multilateral mais importante de que eu participei. Primeiro porque havia um consenso, todo mundo tinha consciência de que era preciso mudar as regras, de que era preciso ser mais duro no controle e de que era preciso cuidar para que não voltasse o protecionismo, porque aí nós iríamos ter mais problema no crescimento econômico, nas políticas de fluxo comercial de importação e exportação.

Então, essa visão, eu diria, do mundo, que foi estabelecida no G-20 é uma coisa muito importante para o futuro das relações multilaterais de todos os países do mundo, eu saí convencido. No final, ainda tivemos uma boa tomada de posição que foi a de concluirmos a Rodada de Doha até dezembro. Há uma predisposição de todos os países para fazer um esforço muito grande. E seria um sinal extraordinário, porque seria um sinal de enfrentamento da crise financeira, que vive um problema de crédito muito sério. Portanto, se o comércio voltar a fluir com facilidade, nós teremos chance de fazer com que essa crise seja mais curta do que todo mundo está esperando.

Com relação... Estou com uma pauta, aqui. Com relação à Nossa Caixa: Veja, eu sei do interesse do Banco do Brasil, eu sei do interesse do governo do estado de São Paulo, sei do interesse do ministro Guido Mantega, e nós vamos agora... eu hoje tenho uma reunião com o ministro Guido Mantega, tenho uma reunião com o Banco do Brasil. Nós vamos fazer uma avaliação se é



importante, se não é importante, o que ganha, o que perde com isso. O Banco do Brasil era o principal banco do Brasil. Com a fusão do Itaú e do Unibanco, o Banco do Brasil passou a ser o segundo banco e nós queremos que o Banco do Brasil seja muito maior do que qualquer outro banco no Brasil.

Mas de qualquer forma, não tenho uma avaliação ainda porque eu tenho que ouvir primeiro o ministro Guido Mantega, depois eu tenho que ouvir o presidente do Banco do Brasil, depois eu quero ouvir também os interesses do governador José Serra. Aí eu formarei uma opinião e tomarei a decisão.

**Jornalista:** Por enquanto não (inaudível)

**Presidente:** Não sai decisão hoje, não. Não sai decisão hoje.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Essa reunião não é para discutir isso, propriamente. Essa reunião é para discutir a questão do crédito, ou seja, eu quero saber como é que está fluindo o crédito em nossos bancos. A segunda coisa... hein?

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Veja, ainda tem problema. O problema não é falta de dinheiro, o problema é que as pessoas estão com medo. Essa é uma preocupação que eu tenho. O que pode gerar uma crise na economia real? Na medida em que a gente fala todo dia de crise, o que vai acontecendo? As pessoas que estão trabalhando vão ficando com medo de perder o emprego. Por conta do medo de perder o emprego, as pessoas não fazem compras; não fazendo compras, o que pode acontecer? O desemprego de que elas tanto têm medo.



Então, obviamente, nós temos que tomar cuidado para não ficar incentivando as pessoas que estão endividadas a fazerem compras. Quem está endividado tem que pagar as dívidas e não fazer novas despesas, mas quem não está endividado pode comprar normalmente e aproveitar as oportunidades. Essa é a hora de as pessoas aprenderem a fazer bons negócios, a comprar o carro mais barato, a comprar a televisão mais barata, ou seja, sempre com o cuidado de que nenhum ser humano pode gastar mais do que aquilo que ele ganha. Se nós não tivermos essa consciência e todo mundo resolver colocar o pouquinho que tem embaixo do colchão, aí sim, as pessoas não vão comprar, as fábricas não vão produzir, as lojas não vão vender e aí a gente pode ter desemprego. E vocês tomem cuidado porque os jornais também, se caírem as vendas, vocês perderão os empregos de vocês. Com relação...

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Não tem jantar com o PMDB.

**Jornalista:** Nem reunião? Os ministros.

**Presidente:** Não. Quando eu entender que é necessário, eu faço, no momento certo. Com relação ao jogo da Seleção, eu não vou. Eu não vou, primeiro, porque eu sou um torcedor de freqüentar a torcida apaixonada do meu time. Eu nunca mais pude ir a um estádio de futebol ver um jogo, porque se eu tiver que ir, eu quero ir exatamente onde está a torcida, que é uma das razões do espetáculo. Eu já estou aqui há seis anos, já fui convidado várias vezes, eu nunca fui em tribuna, e eu gostaria de estar no meio do povo.

**Jornalista:** (inaudível)



**Presidente:** Não, (inaudível) que não, porque todos os governantes, em todos os países, vão na tribuna. Eu não vou porque eu gosto de ver o jogo no meio da torcida.

**Jornalista:** Metade dos ingressos foi doada, nove mil.

**Presidente:** Eu não sei. Eu não sei, não me perguntem porque eu estava fora. Não sei como é que foi feito. Sabe, mas de qualquer forma, só espero que a Seleção brasileira ganhe, porque já perdeu duas seguidas de Portugal e não podemos perder a terceira. Agora, temos a vantagem de.. Está certo que não estão todos os melhores jogadores, mas também o Felipão não está do lado de lá. Então, significa que as coisas podem...

**Jornalista:** (Inaudível)

**Presidente:** Não, não fica. Felipão está muito ruim lá fora.

**Jornalista:** O senhor não vai por quê? Por causa do aparato?

**Presidente:** Não vou porque a visita de um presidente é sempre incômoda, ou seja, nós vamos tirar mais torcedores, colocando meus seguranças perto dos jogadores. Então, não quero criar caso. A segunda coisa, com relação ao PMDB. Veja, a minha relação com o PMDB é a melhor possível. Eu fico vendo pela imprensa, fico vendo o diz-que-diz. Para mim, o que conta é a minha relação direta com o PMDB. Eu já disse ao PMDB que quero fazer um jantar com os ministros e com os líderes do PMDB para a gente ir afinando a viola nas coisas que nós temos que fazer até 2010. Fora disso, não tem nenhum problema. A minha relação com o PMDB, a relação do governo, é a melhor



possível. O PMDB tem prestado serviços importantes nas pastas que ele dirige. Portanto, desse ponto de vista nós não temos nenhum problema pela frente.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Veja, o Presidente da República não pode ficar dizendo quem é que tem que ser presidente da Câmara ou do Senado. Isso é uma coisa do Congresso Nacional. A Câmara e o Senado é que indicam quem serão seus candidatos. Ao Presidente da República interessa que eles sempre escolham aquele que puder melhor dirigir a Casa e que melhor puder fazer uma relação com o Poder Executivo.

**Jornalista:** Não vai haver troca de ministro não, não é?

**Presidente:** Não, não. Não existe. Agora eu quero dizer para vocês o seguinte: Ministros, daqui para a frente, só sairão aqueles que quiserem ser candidatos em 2010, e terão que deixar a pasta até abril. Fora disso...

**Jornalista:** Temporão fica?

**Presidente:** Fica, Temporão é meu ministro.

**Jornalista:** Presidente, você falou que não se preocupa com quem vai ser o sucessor do Garibaldi e do Chinaglia. Mas seria bom para a coalizão de governo que o senhor tem, que um partido ocupasse as duas casas?

**Presidente:** Não é que eu não me preocupe, gente, é que eu não posso dar palpite. É um problema do Congresso Nacional. Eu não posso ficar preocupado



com quem vai ser presidente da Suprema Corte, com quem vai ser presidente da Câmara. Eu fico torcendo para que sempre a gente tenha o melhor, sempre.

**Jornalista:** O equilíbrio...

**Presidente:** O equilíbrio é dado pelo comportamento do partido. O PMDB tem a maioria das duas Casas. Tradicionalmente, o partido que tem maioria indica os presidentes da Câmara e do Senado. Nós não temos muita experiência de o mesmo partido ocupar as duas casas. De qualquer forma, quem é político são eles, quem tem sensibilidade são eles. Eu sou apenas o Presidente da República, estou no meu cantinho ali, cuidando de não deixar este país entrar profundamente numa crise.

**Jornalista:** (inaudível) parecer da AGU.

**Presidente:** Nem vi

**Jornalista:** Obrigada.

(\$31EGJLP)